

Martín Fierro: o anti-herói gauchesco da literatura do Prata

Profa Dra. Lisana Bertussi (UCS)¹

Resumo:

Muito se tem enfatizado a importância de considerar a literatura gauchesca como uma produção literária de três pátrias: Brasil, Argentina e Uruguai. De fato, há muita semelhança na cultura desses três países cuja economia é baseada fundamentalmente na atividade pastoril, e gera um tipo regional semelhante, o *gaucho* e uma literatura similar, pois poetas como o uruguaio Bartolomé Hidalgo, o argentino José Hernández ou o brasileiro Ramiro Barcelos enfocam um universo comum: o pampa. Também já se chamou a atenção para o fator que foi determinante na grande produção e recepção dessa literatura, ou seja, o fato de ela estar muito vinculada às lutas políticas desses países. O argentino José Hernández, escritor regionalista mais importante do Prata, com sua obra *Martín Fierro*, ao configurar seu pretense herói, acaba por desvelar as misérias do gaúcho pampeano, desconstruindo o mito regional e alcançando a universalidade. Essa a perspectiva dessa reflexão.

Palavras-chave:

1.Literatura gauchesca 2. poesia 3.Argentina 4.José Hernández

The importance of regarding *gaucho* literature as the literature of three countries: Brazil, Argentina and Uruguay, has been greatly emphasized. In fact, there are a lot of similarities in the culture of the three countries, whose economy is fundamentally based on pasture activities, and generates a similar regional type, the *gaucho*, and a similar literature, because poets as the Uruguayan Bartolomé Hidalgo, the Argentinean José Hernández, or the Brazilian Ramiro Barcelos focus on a common universe: the pampa. Also it has been called attention to a determinant factor in the vast production and reception of this literature, i.e. the fact that it is very much attached to the political fights of these countries. The Argentinean José Hernández, the most important regionalist writer in the Plata, with his work *Martín Fierro*, when shaping his alleged hero, ends up by unveiling the miseries of the *gaucho pampa*, thus deconstructing the regional myth and reaching universality. This is the perspective of this reflection.

Key words:

1. *Gaicho* literature 2. Poetry 3.Argentina 4.José Hernández

Muito se tem enfatizado a importância de considerar a literatura gauchesca como um produção literária de três pátrias: Brasil (especificamente o Rio Grande do Sul) Argentina e Uruguai). De fato há muita semelhança na cultura desses três países cuja

¹ Professora do Departamento de Letras e do Mestrado em Letras, cultura, regionalidade da Universidade de Caxias do Sul

economia é baseada fundamentalmente na atividade pastoril, que gera um tipo regional semelhante e uma literatura regional similar, pois autores como o uruguaio Bartolomé Hidalgo, o argentino José Hernández ou o gaúcho Ramiro Barcelos enfocam um universo comum: o pampa.

Também já se chamou a atenção para o fator que foi determinante na grande produção e recepção dessa literatura, ou seja, o fato de ela estar muito vinculada a lutas políticas desses países, o que não ocorreu nos EUA que também tem no *cawboy* um tipo análogo, mas sem uma produção literária regional significativa.

José Hernández, o escritor regionalista mais importante do Prata, nosso foco nesse estudo, nasceu em Buenos Aires, em 1834, foi ativista político e participou da vida pública da Argentina como soldado, periodista e finalmente Senador provincial. Foi por essa sua atuação contundente que, no ano de 1871, teve que se exilar em Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul, onde teria escrito sua primeira parte de *Martín Fierro*.

Ao voltar à Argentina, publica, em 1872, *El gaúcho Martín Fierro* e, em 1879, *La vuelta de Martín Fierro*, com cinco edições em português, e a primeira bilíngue, reunindo as duas obras, traduzida pelo gaúcho João Otávio Nogueira Leiria e editada pela Martins Livreiro em 1987, com o título de *Martín Fierro*.

A gauchesca no Rio Grande do Sul, como insistentemente a História e Crítica ressaltaram, teve como ênfase uma visão otimista do universo campeiro, visto como uma espécie de paraíso, habitado pelo herói mitificado em *centauro dos pampas* e *monarca das coxilhas*,² de que temos muitos exemplos desde a literatura oral, passando por poetas do século XIX, como Apolinário Porto Alegre, Bernardo Taveira Júnior ou, mais modernamente, um Jayme Caetano Braun, embora haja exceções, como o próprio *Antonio Chimango* de Ramiro Barcelos ou a *Trilogia do gaúcho a pé* de Cyro Martins. José Hernández ao configurar seu *Martín Fierro* opõe-se a essa posição diante da realidade, apresentando uma visão realista e negativa da vida de um campeiro que se constitui em anti-herói, por ser talhado por circunstâncias adversas, que enfraquecem sua força. Ele, que vivia em paz com sua família, é recrutado para as lutas da fronteira, que se traduzem em defender as estâncias de militares ou grandes fazendeiros das invasões indígenas, vivendo de forma miserável e explorado pelos superiores. E quando fugia era perseguido até ser apanhado e levado de volta para a tropa ou para a prisão, se não fosse castigado com a morte.

Podemos demonstrar através da obra *Martín Fierro* (título da edição que vamos usar) como se configura esse universo. Observe-se a estrofe 19.

² Essas facetas do mito do gaúcho, como centauro dos pampas e monarca das coxilhas, referem-se respectivamente ao vínculo forte com o cavalo e o sentimento anti-monarquista.

E atendam à relação
de um gaúcho perseguido,
que foi bom pai e marido
delicado e diligente;
entretanto muita gente
o considera bandido. (MF p.20) ³

Martín Fierro que “foi bom pai e marido/ delicado e diligente”, por circunstâncias sociais, é considerado por “muita gente” da sociedade como “bandido”. É essa a configuração do anti-herói, segundo o *Dicionário de Teoria da narrativa*:

A peculiaridade do anti-herói decorre de sua configuração psicológica, moral, social e econômica, normalmente traduzida em termos de desqualificação. Neste aspecto, o estatuto do *anti-herói* estabelece-se a partir de uma desmitificação [...] Apresentado como personagem atravessada por angústias e frustrações o anti-herói concentra em si os estigmas de épocas e sociedades que tendem a desagregar o indivíduo [...] (REIS/ LOPES, 1988, p.92)

E a personagem lembra o tempo passado que, sob seu ponto de vista, romântico opõe-se ao presente infeliz. Observe-se:

Recordo – que maravilha!...
como andava a gauchada
sempre alegre, bem montada
e disposta para a lida;
mas, hoje em dia, - que vida!...
anda toda aporreada. (MF p.24)

Aqui pode-se observar que o anti-herói adquire foros de coletivo, pois faz parte da “gauchada” que “andava sempre alegre, bem montada”. É significativo que o bem estar do gaúcho esteja relacionado com a posse do cavalo, elemento importante na configuração do gaúcho feliz, no Prata, e do mito do *centauro dos pampas*, fruto do forte vínculo com esse animal, tão decantado no Rio Grande do Sul.

³ — Vamos usar a sigla MF para *Martín Fierro* e VMF para *A volta de Martín Fierro*.

E, para caracterizar a miséria de Martín Fierro, diz o narrador em 1ª pessoa nas estrofes 107, 108 e 109:

Eu não tinha nem camisa,
ou coisa que se pareça;
só p’ra isca a sorte avessa
me dava trapos enfim...
Nada se iguala ao fortim
para que um homem padeça. (MF p.38)

Por mais azar até o mouro
escapou da minha mão;
não sou lerdo... mas irmão,
veio o comandante um dia,
dizendo-me que o queria
“p’ra ensiná-lo a comer grão” (MF.p.38)

Imagine qualquer um,
a má sorte deste amigo;
a pé, mostrando o umbigo,
estropeado e quase nu:
outro infortúnio mais cru
não me darão por castigo. (MF p.38)

Sem “camisa” vestido com “trapos” tendo perdido o “mouro” para o comandante que, ironicamente dito, apenas “o queria/ ’p’ra ensinar a comer grão”, o gaúcho expressa sua “má sorte” e “infortúnio” reforçada por estar “a pé”, o que nos lembra o

*Tatu*⁴ do cancionero popular “de freio na mão e a pé” e a *Trilogia do gaúcho a pé*⁵ de Cyro Martins, marcos da desmitificação do mito gauchesco no Rio Grande do Sul.

Na literatura gauchesca de nosso Estado, um tipo muito elogiado, na poesia e prosa, é o gaúcho livre, o *gaudério*, ou *vago*, o homem que, não criando raízes em lugar algum, vive de pequenos serviços temporários nas lides com o gado nas fazendas. Em Hernández, pelo contrário, ele é visto como um degradado despido de qualquer dignidade. E é assim que Martín Fierro se vê. Observem-se as estrofes 188 e 190 abaixo:

Qual carta de sobra andava,
sem saber aonde ir-me;
me chamaram de índio-vago
e entraram a perseguir-me. (MF p.53)

Não tinha mulher nem rancho,
por cima era desertor;
não tinha uma prenda boa
nem vintém no tirador. (MF p.53)

Veja-se que, nesse universo, o homem que não tem “rancho”, nem “mulher”, nem “vintém” é desqualificado e, ainda, por ser desertor do exército, passa a fugitivo perseguido, o que na Argentina chama-se “matreiro”. E é curioso que se coletiviza o vago no gaúcho em geral, quando o texto refere-o como nas estrofes 229 e 231 abaixo:

Encomendando-me a deus
ergui vôo p’ra outro pago
que o índio que chamam vago
não consegue ter querência,
e, assim de estrago em estrago,

⁴ O “T‘tatu” é um motivo de fandango, poesia para ser cantada e dançada, recolhido por Simões Lopes Neto no seu *Cancioneiro Guasca* p. 15

⁵ Cyro Martins tem uma grande importância na Literatura Gauchesca, com sua trilogia *Sem Rumor, Porteira Fechada e Estrada Nova*, por sua visão realista das relações sociais no campo.

vive chorando de ausência. (MF p.59)

Não terá cova nem ninho,
há de andar sempre fugido,
sempre pobre perseguido,
como se fosse maldito;
pois ser gaúcho... Caramba!...
-ser gaúcho é um delito. (MF p.59)

É significativa a afirmação “Pois ser gaúcho... Caramba!/ - ser gaúcho é um delito”, que coletiviza todos os gaúchos na mesma degradação. Isso lembra as pesquisas sobre a origem da palavra “gaúcho”⁶ que demonstram que ela teria inicialmente referido os homens que vagavam soltos no pampa e eram vagabundos e ladrões. Mais tarde, a regeneração do sentido do vocábulo passou pela transformação do vago em soldado, tanto nas querelas do Prata, como nas revoluções do Rio Grande do Sul. Observe-se em *Martín Fierro*, as estrofes 351 e 352, quando a personagem é recrutada para as lutas de fronteira:

Concluo que em vista disso
chamou-me o juiz, um dia,
e me disse que queria
trazer-me para o seu lado,
e que então como soldado,
a servir eu passaria (MF p.82)

E ali mesmo proclamou
que eu era homem decente,
chamando-me de valente;

⁶ - Augusto Meyer tem estudo importante sobre o tema no texto *Gaúcho-História de uma palavra* e o argentino Horácio Jorge Becco também, em *Antologia de la poesía gauchesca* da Aguilar.

que desde aquele momento
promovia-me a sargento
p’ra comandar sua gente. (MF.p.82)

Ser soldado, segundo a promessa do juiz, transformaria Martín Fierro em “homem decente” e “valente” e ele é logo promovido a “sargento”, o que parece resgatar sua dignidade, mas não acontecerá no transcorrer da história do anti-herói.

Já se pôde observar nas estrofes selecionadas acima o quanto os poderosos, representados pelos militares, que recrutam Martín Fierro, são corruptos, o que vamos reforçar com outros momentos do texto que demonstram o quanto eles são enganadores e exploradores do gaúcho.

Ao campeiro é prometido um salário para servir como soldado, paga que nunca vem e não há reclamação que mude esse quadro. Veja-se estrofe 124:

Pra sair dessa ansiedade
ao major eu fui falar
e ao dele me aproximar
co’uma ponta de altivez,
disse-me –“Amanhã talvez,
acabarão de pagar...”(MF p.41)

Veja-se que a “ponta de altivez” é registrada pelo emissor, que possivelmente já se intimide por ela, e a frase do “major” “Amanhã talvez,/ acabarão de pagar” traz em si, reforçada pelo “talvez”, uma nota de grande ambiguidade quanto ao fato de realmente o pagamento estar previsto.

E o tratamento dado aos gaúchos na fronteira é degradante e violento como se pode observar nos relatos de Martín Fierro nas estrofes de 65 a 68;

Dos pobres que ali havia
a nenhum deles largaram,
os mais velhos resmungaram,
mas a um que se queixou

em seguida o estaquearam⁷

e logo a coisa acabou.

Na revista dessa tarde,

o chefe clareou os assuntos:

-“Quinhentos laços juntos

levarão os que desertarem.

Co’o pito forte se acertem,

ou, então, se dêem por defuntos!”

A ninguém deram as armas

pois que todas as que havia

o coronel reunia,

como disse na ocasião,

p’ra reparti-las no dia

em que houvesse uma invasão.

A princípio, nos deixaram,

alçados,⁸ criando sebo.

Mas a razão não percebo

do que depois se passava:

o trato que ali se dava

nem pra maulas⁹ eu concebo. (MF p.30)

⁷ Estaqueamento era uma forma de castigo cruel infringida ao homem que ficava estirado no solo, com as mãos e os pés atados em quatro estacas.

⁸ Diz-se alçado para o gado deixado solto que vira semi-selvagem.

⁹ Indivíduo de mau caráter, ruim.

Veja-se que são todos “pobres” os soldados na fronteira e reclamar, mesmo que seja um resmungo, é castigado com o estaqueamento que pode levar à morte. E para os que tentarem desertar estão prometidos nada menos do que “Quinhentos laços juntos”, o que faz nosso anti-herói dizer: “A razão não percebo/ [...] o trato que ali se dava/ nem pra maulas eu concebo”. Essa reflexão final demonstra o quanto a personagem configura-se como de bom caráter e só as circunstâncias adversas vão modificá-la.

Por outro lado, os gaúchos se dirigiam à fronteira, imaginando fazer parte do exército e, ao invés disso, desvirtuando os objetivos do recrutamento, são postos a trabalhar nas estâncias dos militares ou de grandes fazendeiros. Observem-se as estrofes 70 e 135, em que Martín Fierro expressa sua perplexidade:

Cadê índios ou serviço,
se nem havia quartel!...
Nos mandava o coronel
trabalhar em suas chácras
-e deixávamos as vacas
p’rá que levasse o infiel. (MF p.31)

Não era aquilo serviço,
nem defender a fronteira;
era a pior ratoeira,
em que só ganha o mais forte:
mesmo que jogar a sorte,
mas co’uma tava culeira.¹⁰ (MF. P.44)

Veja-se que a personagem se pergunta “Cadê índios”, que eram os inimigos contra quem pretensamente iam lutar, e considera “Não era aquilo serviço/ nem defender a

¹⁰ Jogo de osso comum entre os campeiros, em que, quando o jogador não está com sorte, dá-se o *culo*, osso caindo virado para o lado, em que se perde pontos, usado aqui no sentido figurado de gaúcho perdedor no jogo da vida.

fronteira”, o que poderia dignificá-lo se fosse verdadeiro e ele considera uma armadilha, “a pior ratoeira/ em que só ganha o mais forte”, enunciando a injustiça social e a opressão dos pobres.

Além disso, o gaúcho é objeto de uso do governo interesseiro, que pensa em servir-se dele para conseguir votos nas eleições. Observe-se a estrofe 238:

Nada ele ganha na paz,
mas é o primeiro na guerra;
não o perdoam se erra,
que não sabem perdoar;
-o gaúcho nesta terra,
serve só para votar.(MF.62)

O leitor não tem dúvidas sobre o engajamento do poema, em que o poeta não reluta em denunciar a injustiça, opressão, corrupção, mas Martín Fierro, provavelmente projetando Hernández, faz questão de explicitar claramente a função de seu canto na estrofe 406:

Conheço muitos cantores
que dá gosto os escutar,
mas não querem opinar
e se divertem cantando;
eu, porém canto opinando,
que é meu modo de cantar. (VMF p.94)

Mas apesar desse comprometimento com a denúncia social, há um repetitivo tom de passividade e alienação, no poema, pois parece considerar-se a força do destino como inexpugnável. Observe-se a estrofe 455:

A quem tocar essa herança,

onde quer achar a ruína
ao que a má sorte o destina
não pode o homem fugir:
o cardo tem de ferir
porque é a sua sina. (VMF p.103)

A “Herança”, “que a má sorte destina” e “sina” indiciam um posicionamento de conformação e de modo algum fornecem elementos para se pensar numa reação do oprimido, que não faz parte do universo de Martín Fierro, nosso enfraquecido anti-herói.

Com essa leitura não pretendemos esgotar as perspectivas com que ler *Martín Fierro* e *A volta de Martín Fierro*. Ela é apenas um recorte no vasto universo dessas obras e sem dúvida para o futuro está aberto um leque de outras possibilidades.

Referências bibliográficas

- 1] BECCO, Horacio Jorge. *Antologia de la poesía gauchesca*. Madri: Aguilar/ Juan Bravo 38, 1972.
- 2] CHAVES, Fermín. *Historia e Antología de la poesía gauchesca*. Buenos Aires, Margus, 2004
- 3] HERNÁNDEZ, José. *Martín Fierro*. Trad. João Otávio Nogueira Leiria, Porto Alegre: Martins, 1987.
- 4] LOPES, Simões. *Cancioneiro Guasca*. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- 5] MARTINS, Cyro. *Sem Rumor*. 2ªed. Porto Alegre: Movimento, 1977.
- 6] _____. *Porteira fechada*. 3ª ed. Porto Alegre: Movimento, 1976.
- 7] _____. *Estrada nova*. 2ª ed. Porto Alegre; Movimento, 1975.
- 8] MEYER, Augusto. *Gaúcho*-História de uma palavra. Porto Alegre: IEL, 1957. [Estudos rio-grandenses n.1].
- 9] *Poesia gauchesca*. Edição, prólogo, notas e glossário de Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy Casares. México: Fondo de cultura, 1984.

10] REIS, Carlos e LOPES, Ana M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988. [Série Fundamentos, n.29]